

Por Thais Santi

RENATA MERCANTE/RISI



Derek Malburg e Kurt Schaefer, RISI

CELULOSE E PAPEL NA AMÉRICA LATINA

Como deverá se comportar o mercado latino-americano de celulose e papel diante dos atuais indicadores econômicos da economia global? Entre outros assuntos relevantes do 8.º Congresso Anual Latino-Americano de Celulose e Papel da RISI, realizado em São Paulo, de 5 a 7 de agosto último, essa foi uma das respostas mais esperadas pelos executivos presentes ao evento.

Os desafios de se chegar a uma resposta certa tornam-se cada vez maiores diante das expectativas de baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) das economias emergentes (no Brasil, por exemplo, espera-se índice próximo de 3% em 2013) e também do fato de a Europa começar a demonstrar grandes disparidades entre o norte e o sul, além de sinais de enfraquecimento econômico.

Mesmo com a retomada do crescimento pelos Estados Unidos, a China continua dividindo opiniões otimistas e pessimistas na tentativa de responder se seu crescimento é sustentável ou se trata de uma economia de risco aos investidores. Presente ao evento, a revista *O Papel* – que na próxima edição publicará matéria especial com a cobertura completa – conversou com Kurt Schaefer, vice-presidente de fibras e especialista no mercado de celulose, e com Derek Malburg, economista especialista em papéis, ambos da RISI, para anteciper algumas respostas sobre o cenário da celulose e do papel na América Latina. Confira a seguir.

O Papel – Em relação à demanda global por celulose, será que enfrentaremos desafios por uma possível sobrecapacidade da commodity no mercado?

Kurt Schaefer – Há uma grande questão sobre a quantidade de celulose que entrará no mercado. Tudo começou em dezembro de 2012, com o início de operação da Eldorado, que disponibilizou 1,5 milhão

de toneladas. Nos próximos meses, teremos também o volume de mais 1,3 milhão de toneladas de celulose produzidas pela Montes del Plata, no Uruguai. Para completar, até final do ano será inaugurado o projeto da Suzano, no Maranhão, com mais 1,5 milhão de toneladas/ano de celulose de mercado. Existem ainda mais 700 mil toneladas da commodity a serem produzidas por uma nova fábrica da China que a qualquer

momento pode partir sua operação. Desse modo, um total de 3,5 milhões de toneladas de celulose/ano entrará no mercado antes do final de 2013. Isso é simplesmente demais para o mercado absorver. Por outro lado, no caso de fibra longa, a situação é mais equilibrada, pois o fechamento de uma planta na Noruega retirará de circulação entre 300 e 400 mil toneladas/ano de fibra longa e talvez um pouco de fibra curta também. Conclusão: até o final deste ano e o início de 2014, veremos o mercado enfraquecendo substancialmente, pois os chineses estarão relutantes em comprar a tonelada de celulose a um preço alto, tendo um prognóstico de baixa de preços. Então, eles adiarão a compra o maior tempo possível. Já é possível observar uma queda de preços na China, e provavelmente isso continuará a ocorrer até o final deste ano.

O Papel – Em até quanto esses preços poderão cair?

Schaefer - Certamente mais de US\$ 75 dólares por tonelada, embora a queda possa chegar a US\$ 150, porém não por um longo período, pois isso depende também de como ficarão os custos de produção e do grau de enfraquecimento do mercado, mas, mais uma vez, não por um longo período. Então, nesse ponto o que veremos é uma recuperação do mercado, com os chineses retomando as operações e refazendo os estoques, devido ao seu grande poder de compra. Nesse caso, quando conseguem negociar a um baixo preço, estocam muito. Além disso, o preço mais baixo da celulose significa que eles utilizarão mais fibra virgem do que outros insumos. Isso também ajuda na recuperação do mercado. Em resumo, o mercado não será muito bom durante todo o ano de 2014, mas o pior período será o primeiro trimestre. Depois, veremos fechamentos de fábricas e acúmulo de estoques que poderão tornar o mercado forte novamente no segundo semestre. Trata-se, em geral, de um problema de curto prazo muito relacionado ao start-up de duas plantas praticamente ao mesmo tempo.

O Papel – Fala-se em uma consolidação do setor de celulose diante do cenário de investimentos atual. O que deverá acontecer especialmente no Brasil?

Schaefer – Quando falamos em consolidação, parece-nos muito provável que esse processo ocorra no Brasil, mas não no curto prazo, porque as estruturas de algumas fábricas são muito familiares. Então, os profissionais devem estar preparados para isso.

O Papel – Foi anunciada recentemente a conversão de uma planta de celulose para a produção de celulose especial no Brasil. Quais são os principais mercados de interesse e como está a situação da celulose especial no mundo?

Schaefer – A demanda por celulose especial deve continuar crescendo de 9% a 10% por ano em âmbito mundial. A maior parte dessa demanda será gerada pela China. Atualmente, o Brasil produz 485 mil toneladas/ano de celulose especial. Então, acredito que essa nova planta terá de exportar sua produção ou, pelo menos, grande parte dela, provavelmente com destino ao mercado chinês. Pode ser também que a comercialização aconteça fora desse mercado e que a China adquira a commodity de outros países, como o Canadá, por exemplo. É importante ressaltar que há um limite para essa expansão, pois já existem aumentos de capacidade mais do que suficientes anunciados para 2013 e também muita capacidade para 2014. Por isso, se mais empresas anunciarem a entrada nesse mercado, haverá excesso de oferta por um longo tempo – ou seja, para um mercado de 5 a 6 milhões de toneladas, existe a necessidade de 500 a 600 mil toneladas adicionais por ano. Dessa capacidade adicional, muito será da conversão de plantas que hoje produzem celulose para papel.

O Papel – Com a redução do crescimento do PIB na China, existem rumores de que muitas fábricas chinesas podem falir. É o momento de começarmos a nos preocupar com isso?

Schaefer – A demanda por celulose vai continuar a crescer na China. A produção de papel continua aumentando e a economia está crescendo, mas mais devagar. Então, em vez de crescer de 10% a 11% no ano, provavelmente o PIB aumentará entre 7% e 8% em números oficiais e de 5% a 6% em números reais. Posso dizer, então, que existem riscos em diminuir ainda mais o ritmo, principalmente porque hoje o país passa por uma importante transição econômica, reduzindo os investimentos nas exportações para aumentar os gastos com o consumo interno, o que é arriscado.

Até o momento, isso parece estar funcionando, mas definitivamente representa um crescimento menor no lado econômico. Logo, nós, da RISI, reduzimos a previsão de produção da China para aproximadamente

Schaefer: “Até o final deste ano e o início de 2014, veremos o mercado enfraquecendo substancialmente, pois os chineses estarão relutantes em comprar a tonelada de celulose a um preço alto, tendo um prognóstico de baixa de preços”

Mahlburg: “A grande pergunta no mercado mundial é se regiões onde ainda existe crescimento de demanda são suficientes para colocar o mundo de volta à trilha do crescimento dos papéis de imprimir e escrever”

4%–4,5% ao ano, e a média dos últimos dez anos tem sido entre 9% e 10%. Isso significa uma queda expressiva no crescimento percentual, já que a China representa o ponto de equilíbrio no mercado mundial, uma vez que o consumo de papel tem diminuído na Europa e também na América do Norte. Além disso, o segmento de tissue tem mantido o crescimento previsto, ou seja, um mercado chave não vai ser capaz de absorver toda a produção de celulose que se esperava, exigindo ajustes no planejamento. Logo, se a China continuasse a crescer no ritmo em que estava, seria possível vender muito mais celulose nos próximos dois ou cinco anos, o que não será o caso.

O Papel – Quais são as perspectivas em relação ao mercado de papéis na China?

Derek Mahlburg – Nos últimos dois a cinco anos, o mercado mundial passou por grandes oscilações, com vários focos de problemas econômicos pelo globo. Começamos agora a ver uma recuperação da economia americana, e a China parece que vai estabilizar com o crescimento oficial mencionado anteriormente. Nesse cenário, aparentemente a demanda por papéis de imprimir e escrever na China continua a crescer, porém em ritmo mais lento. Para cada ponto percentual de crescimento do PIB, estamos tendo menos de um ponto percentual em crescimento da demanda por esses papéis. É bom mencionar que a demanda chinesa já foi superior a 10%, mas agora está entre 3% e 4% – ou seja, a grande pergunta no mercado mundial é se regiões onde ainda existe crescimento de demanda, como a China e a América Latina, são suficientes para colocar o mundo de volta à trilha do crescimento desses papéis, após a retração ocorrida nos últimos anos.

O Papel – O senhor mencionou a América Latina. Trata-se de um crescimento da América Latina em geral ou apenas do Brasil?

Mahlburg – Ambos estão crescendo. O Brasil tem crescido menos do que alguns dos principais países, como o México. Grande parte disso se deve ao fortalecimento recente da economia mexicana. Essas regiões, incluindo o Chile, entretanto, serão as que sentirão primeiro os efeitos da mídia digital. Os maiores salários e a

infraestrutura existente nessas áreas dão subsídio para que ocorra essa transição primeiramente nesses lugares.

O Papel – O senhor vê crescimento no consumo brasileiro de papel, que é considerado baixo?

Mahlburg – Sim. O Brasil ainda é um país em crescimento e com grande potencial para aumento de renda e melhorias nos índices de alfabetização. Fatores como esses costumam gerar aumentos no consumo *per capita*. Acredito que essas tendências são ainda mais fortes do que as da mídia digital, mas não podemos ignorar o crescimento de sua participação, principalmente no jornal impresso, cuja demanda neste ano deve ter uma queda drástica no Brasil. Basicamente, o papel jornal é uma vítima dessas mídias. Nos Estados Unidos, os jornais foram os primeiros atingidos pela mídia digital. Por isso, não é surpreendente que o mesmo esteja ocorrendo no Brasil.

O Papel – Os jornais estão migrando para as mídias digitais. Por quanto tempo o jornal impresso ainda deve resistir?

Mahlburg – Isso é uma grande questão. Por ora, sabemos que, de um ano para cá, houve essa queda acentuada de consumo de papel imprensa. Em países como o México e o Chile, o mesmo não ocorre. Portanto, é ainda mais difícil estimar em que estágio está essa transição ou se é a demanda que está apenas um pouco mais volátil.

O Papel – Em relação ao mercado de imprimir e escrever, o Brasil está crescendo tanto quanto o México ou demais países, por exemplo?

Mahlburg – Podemos classificar os principais mercados gráficos da América Latina com base em sua perspectiva econômica. Chile e México são os países mais propensos a ter um forte crescimento econômico nos próximos anos. O Brasil também deve crescer, mas mais lentamente, e a Argentina está enfrentando sérios problemas econômicos. A demanda por papéis gráficos cresce basicamente porque as publicações são muito ligadas aos anúncios publicitários. Por isso, deve seguir essas tendências de maneira muito próxima. O que esperamos é um crescimento maciço de demanda no Chile e no México, moderado no Brasil e muito fraco na Argentina. ■